

## GUIMARÃES (Donim)

A ponte de Donim situa-se no distrito de Braga, município de Guimarães, na antiga freguesia de São Salvador de Donim. Alçada sobre o rio Ave a 13,2 km a norte de Guimarães a ponte de Donim encontra-se acessível a partir desta cidade seguindo pela EN309, até Santo Estêvão de Briteiros e, depois, pela EN310, até ao centro da freguesia de Donim, tomando-se em seguida a rua da Ponte, que a cruza.

### *Ponte de Donim*

**T**RATA-SE de uma das múltiplas travessias pétreas edificadas sobre o rio Ave, cujo extenso curso de 85 km é um dos que sulca o noroeste peninsular no sentido nordeste-sudeste, constituindo, assim, uma das barreiras históricas para o trânsito que fluía ao longo da costa atlântica.

Talvez por isso se compreenda o investimento posto no seu atravessamento ao longo dos séculos (porventura mesmo anterior à antiguidade clássica) até à contemporaneidade, fosse por travessias fixas ou móveis como ou barcas, fosse pelo aproveitamento de pontos de fácil transposição a pé.

*Vista a jusante. Perfil da ponte*





A primeira referência documental que identificámos relativa à ponte de Donim é já da época moderna, mas a circunstância de se lhe associar uma data epigráfica do século XII, permite-nos especular sobre a sua construção ou reconstrução no tempo da medievalidade.

É na obra *Povoação de Entre Doiro e Minho no XVI século*, de 1527, que vem a primeira referência à ponte de Donim, mas anotações mais descritivas são já posteriores: a primeira do padre Torcato Peixoto de Azevedo que, por volta de 1692, a compara à de "Domingosterres", edificada sobre o Ave, a montante. E a segunda, provavelmente tomada da anterior é de Carvalho da Costa que, em 1706, refere na sua *Corografia Portuguesa* a "fermosa ponte de pedra lavrada" que dava serventia da Vila de Guimarães para o concelho de Lanhoso. Ambos os memorialistas dão, portanto, expressão à existência de uma importante travessia (porque em pedra e visivelmente notável) naquele ponto do curso do rio Ave e que existiria desde, pelo menos, o século XVI.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida, no seu estudo pioneiro sobre as vias e pontes a norte do Douro, alude à indicação de 1527, publicada por Braamcamp Freire (1905) e tendo-a certamente visitado assevera: "pelo aspecto tipológico exibido ela não deve ser muito anterior ao século de quinhentos".

Mais recentemente, em 2006, Francisco Faure elaborou um estudo no âmbito da intervenção de reabilitação e restauro da ponte, tutelada pela Câmara Municipal de Guimarães. Neste trabalho de leitura arqueológica da arquitectura, Faure faz um levantamento de questões em torno da sua morfologia e cronologia, tendo identificado no intradorso do olhal (que denomina arco) uma inscrição "escrita em caracteres carolinos Era M CC(?) XXX". A deficiente leitura do terceiro caractere não permite confirmar tratar-se de 1180 ou de 1230 (da era de César). Todavia, qualquer um dos anos da era cristã, 1142 ou 1192, documentam um evento ligado a este edificado, ou na sua esfera, que remonta à segunda metade do século XII.

Como na maioria dos estudos pontísticos, a documentação é silenciosa quanto às razões e quanto aos indivíduos e (ou) instituições que patrocinaram tal edificação, mas o investimento quer na sua construção, quer nas campanhas de reedificação, que à primeira vista a sua estrutura apresenta, indicam ter constituído importante travessia.

A ponte de Donim construída em cantaria de granito apresenta traçado reto, com tabuleiro plano, assente em 4 vãos, 3 arcos desiguais (em dimensão e forma) e 1 arco menor a que podemos chamar olho ou olhal, pela sua função de vazadouro. São de volta quase perfeita o primeiro



Vista a montante





Arco central



Olhal

arco e ligeiramente apontados o segundo e terceiros arcos a contar da margem esquerda. O arco do olhal, fundado em terra seca, mas em leito de cheia, é de volta perfeita.

A extensão do tabuleiro é de cerca de 36 m, sendo a bitola do mesmo, medida entre as guardas, de 3,20 m de largo. Os dois pilares ou pegões centrais, maciços e de desenho retangular assentam, segundo a observação de Faure, "directamente no substrato geológico granítico" e são protegidos a montante por talhamares e a jusante por talhantes.

Ainda do ponto de vista morfológico, a ponte apresenta nas suas faces aparelho pseudo-isódomo e aduelas estreitas nos arcos – mais estreitas e irregulares no arco central de maior luz e de desenho mais largo e uniforme no arco do olhal.

A via foi recentemente pavimentada (2018) a paralelos em granito azul, com passeio ao mesmo nível, mas diferenciado com lajes de granito cinza.

Registam-se alguns silhares marcados com siglas no primeiro arco a contar da margem esquerda mas é sobretudo no intradorso do arco do olhal que podemos encontrar o maior número de marcas e que como Francisco Faure notou, repetem o motivo "S". Martins Sarmento já as havia registado em 1902.

Tendo em consideração estas características morfológicas importa aventar hipóteses para a construção e posteriores campanhas de obras associadas a esta ponte. De facto, seria impossível imaginar que tal edificado, sujeito a tantos revezes, quer decorrentes do trânsito que serviu,

quer dos efeitos da vazão, pudesse resistir incólume ou, pelo menos, com a feição original do tempo da sua construção.

O olhal parece registar a parte mais antiga da ponte, não só pela forma do arco que F. Faure chama de "arco românico perfeito" mas pela profusão de marcas nos silhares que poderá documentar uma fase construtiva. O que Faure entende por "arco românico", nós interpretamos como solução construtiva cujo modelo se repete transcronologicamente. A esta fase associa-se a inscrição no saimel do arco do olhal que poderá datar esta campanha de obras.

Uma segunda fase poderá explicar a diferença em forma e extensão dos três arcos que sustentam o tabuleiro, sendo que o central, o maior, é o que apresenta ligeira quebra. Poderia invocar-se o uso do arco ogival (ou proto-ogival) como indicativo do estilo e do tempo gótico mas, mais uma vez, chamamos a atenção para a solução construtiva destinada a tornar menos onerosa e mais complexa uma construção de múltipla arcaria, apresentando em alternativa uma transposição do leito e da corrente com o lançamento de um arco em altura.

Este arco deverá ter motivado a projecção vertical do tabuleiro, que poderia manifestar uma ligeira pendente, em rampa. Assim o testemunha a diferença entre as fiadas dos silhares posteriores, ao nível do tímpano, visíveis em ambas as faces, como cicatrizes derivadas do aplanamento do tabuleiro.

O facto de, como notou F. Faure, "as primeiras fiadas de pedras" dos talhamares fazerem parte das estruturas

dos pilares poderá indicar que esta fase construtiva reconheceu a necessidade de proteger a estrutura das fortes correntes do Ave, que certamente engrossaria em tempos invernosos. Mas, talvez, os talhantes a jusante tenham sido adossados noutra campanha de obras, sempre necessárias à manutenção deste tipo de edificado. O seu paramento apresenta diferenças em relação ao da estrutura da ponte, por apresentar silhares de talhe mais regular.

Na cartografia a ponte “do Nim” aparece no mapa de Custódio Vilas Boas (1794-1795) a unir os termos de Lanhoso e de Guimarães, mas sem que aparentemente passasse por ela qualquer via importante. De facto o geógrafo aponta, através da sinalização de uma via, a ponte de Domingos Terres sobre o Ave, a montante, como travessia importante à época para ligar a antiga estrada romana de Braga a Astorga a Refojos de Basto e daí a Trás-os-Montes, pela ponte de Cavês.

Talvez a ponte de Donim tivesse desempenhado uma função de apoio, na esfera de uma instituição, mais do que servir um âmbito regional – perfil mais condicente com o das travessias gizadas ao longo da época moderna e contemporânea.

Nesse sentido importa referir que, se nas Inquirições de D. Afonso III não lográmos topar qualquer referência à ponte de Donim, nem quanto ao edificado, nem quanto à toponímia, a indicação de que a paróquia integrava o domínio do mosteiro de Tibães pode ajudar a propor a sua edificação na esfera desta casa beneditina. É de resto, uma referência que ecoa ainda na memorialística do século XVIII

por exemplo com Craesbeeck que, sobre São Salvador de Donim, diz ter sido “antigamente do couto do Mosteiro de Tibaes, de religiosos de São bento, que lho fez el Rei D. Affonso Henriques, sendo ainda Principe”, remetendo para a *Corografia Portuguesa*.

A restante memorialística paroquial, pela mão dos seus eclesiásticos à frente de igrejas junto ao Ave, embora aluda à ponte de Donim, e em alguns casos referindo-se aos seus arcos e comprimento (Caldelas, Santa Maria do Souto, São Salvador do Souto, Brunhais, Travassos, Vilela e Bairro), omite-a por vezes, em detrimento de outras, como a já citada de Domingos Terres ou a ponte de São João. O próprio Abade de Donim, João de Araújo, refere-a como “huma ponte de cantaria com coatro arcos apta para todo o uso” – uso que deveria servir, essencialmente o termo agrícola da freguesia.

Ainda assim, erguia-se próxima à ponte a capela de São Bento (tomando por vezes esta designação), culto de reconhecida fama local, memória, talvez, dos possíveis patronos desta obra ou, pelo menos seus mentores, à sementeira de outras obras e casas monásticas.

Texto: NR - Fotos: NR

### Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1968, I, p. 193, AZEVEDO T.P., 1845, p. 495; COSTA, A.C., 1706-12, I, pp. 114 e 371-372; CRAESBEECK, F.X.S., 1992, I, p. 238; FAURE, F.G.C.L.M., 2006; FREIRE, A.B., 1905, pp. 241-273; MEM. PAROQ. 1758 (2009), p. 88; PMH, INQ., p. 171.